



# **D**OMESTICANDO O **DRAGÃO**

**APRENDIZAGEM ACELERADA DE  
LÍNGUAS ESTRANGEIRAS**

---

**WALTHER HERMANN**

---

**DOMESTICANDO**

**O**

**DRAGÃO**

**“APRENDIZAGEM ACELERADA  
de LÍNGUAS ESTRANGEIRAS”**

**“Open Learning Language System – OLeLaS”**

**Walther Hermann**

**1.999**



## Apêndice 9

### Perguntas e Respostas

Esta é uma seção de apoio e organização rápida de algumas informações que já estão presentes no livro de uma forma mais ou menos explícita. Como o roteiro proposto para leitura e estudo pode, eventualmente, se iniciar por aqui, sugiro que pule ou passe rapidamente os olhos sobre aquelas respostas que estiver encontrando pela segunda ou terceira vez. Estas são, em geral, as perguntas mais comuns que se repetem em vários seminários ou palestras de apresentação da metodologia utilizada FEEA.

**1) Qual é a diferença entre este método e os métodos convencionais?**

São algumas. É crença comum que a melhor forma de aprender a falar um novo idioma acontece quando nos mudamos para o país de origem dessa língua. Nessas circunstâncias, o aprendizado da nova língua não é intelectual ou racional. O maior impacto de aprendizagem, processado fora da consciência, num “rapport” forçado por algumas semanas de exposição plena, é provocado na atmosfera mental e perceptual daquela cultura. Para a nossa compreensão, a resposta é aprender no “caos”, não obstante, repito, o aprendizado real se processe fora da consciência até que as evidências se apresentem à mente consciente na forma da habilidade de abstrair os padrões de repetição e de perceber distinções. Em nossa abordagem, isso é apresentado de uma forma própria, porém, oferecendo-se a percepção consciente dessa etapa.

O segundo aspecto fundamentalmente diferente é que todos os bons falantes de idiomas estrangeiros atestam que uma pessoa somente aprende um

novo idioma, de fato, quando consegue formular seus pensamentos nessa língua – a famosa habilidade de pensar naquela língua. Entretanto, nenhum desses métodos ensina como fazer isso e ainda admitem que, após a prática repetida e freqüente, essa competência se apresente de forma natural. Evidentemente, ou as pessoas conquistam a devida prática poucas vezes, ou permanecem quase “eternamente” sem falar com a qualidade adequada – mantendo o tradutor interior funcionando com regularidade. Em nosso método, aprender a pensar e sentir a outra língua é um dos pontos de partida – com método e técnica para conduzir a esse resultado desejado.

O terceiro aspecto, filosoficamente importante, é que o papel e o valor do professor é consideravelmente descaracterizado. Principalmente lembrando que muitos desses instrutores de idiomas, ou mesmo muitos bons falantes de outras línguas, nunca freqüentaram uma escola formal de idiomas. Em nossa abordagem, acreditamos que, quando as pessoas adquirem as “ferramentas e instrumentos” de aprendizagem, elas mesmas podem se orientar em seu caminho, fazendo uso de qualquer método ou material conforme pede seu melhor estilo de aprendizagem. Não obstante, aqui, o aprendiz que não assume a responsabilidade pelos seus objetivos não será avaliado ou fará provas, e seu desenvolvimento dependerá do oportuno amadurecer de seus interesses. Assim como quando vai a outro país, as verdadeiras provas são diárias e práticas!

Outra questão importante é que nesta abordagem, essencialmente com foco no aprendizado e não no ensino, o aluno tem a possibilidade de escolher por quais caminhos quer caminhar. Invariavelmente, para atingir excelência em seus objetivos, ele necessitará percorrer cada uma das etapas do caminho, desde o treinamento descontraído e informal até os necessários conhecimentos formais do idioma, tais como gramática e semântica, quem sabe até poesia e literatura! Porém, assim como, inicialmente, uma criança aprende a falar e depois vem o resto, conforme sua necessidade e interesse (reflita: todos nós somos submetidos ao estudo de gramática, interpretação de textos e literatura e, apesar de alguns de nós atingirem a faculdade, já pude observar que, mesmo no terceiro grau, existem pessoas que conhecem muito pouco sua própria língua do ponto de vista formal). Repetindo: no processo **OLeLaS** o indivíduo pode escolher o que apren-

der, quando quiser ou necessitar aprender. Liberdade e flexibilidade são conceitos essenciais à aprendizagem inconsciente. Isso significa que aqui **o adulto é tratado como adulto** – não há necessidade de exercitar a linguagem concreta antes da linguagem abstrata (âmbito metafórico da comunicação). Já tendo desenvolvido o pensamento abstrato, poderá conviver com ele desde o início. Simplificadamente, este sistema possui como característica predominante e distintiva a **autonomia** do aprendiz.

2) **Em que medida o método OLeLaS se relaciona com o “Aprenda Dormindo”? Ou com o “Sleep Learning”? Ou com o “Hipnopédia”?**

Vamos por partes... No modelo da aprendizagem inconsciente, simplificada, aprender é sintetizar, sistematizar e distinguir estímulos que impactam nosso sistema mente-corpo. Assim sendo, aprendemos o tempo todo, mesmo que inconscientemente. O grande segredo, enfim, não é aprender, mas sim como resgatar esses conhecimentos adquiridos de nossa mente inconsciente, ou mais profundamente até, dos conhecimentos armazenados em nossa mente inconsciente coletiva. Esse é o assunto de muitos praticantes de autoconhecimento. Os hindus se referem a dois tipos diferentes de conhecimento humano: um deles tem vida curta, não sobrevive a um século; o outro atravessa milênios. Este último, sobre a natureza e funcionamento do ser humano, está disponível para cada um de nós, dentro de nós mesmos!

Sendo o grande segredo, então, a ativação do conhecimento apreendido (seja dormindo ou acordado), tudo vai depender das técnicas de realização dessa exploração. Em nosso sistema, as pessoas estudam línguas em estados de hiperconsciência e não de semiconsciência, como por exemplo dormindo ou no pré-sono (ondas alfa e teta).

Não conheci, até a data de publicação deste livro, alguém que falasse fluentemente outro idioma e o tivesse aprendido por esses métodos de aprendizado durante o sono. Tive uma cliente que estudou japonês com o apoio desses sistemas – segundo recomendação de sua professora de japonês. Entretanto, essa moça tornou-se minha cliente para o trabalho com a língua inglesa. Tive uma outra cliente, na academia, cuja irmã, no Chile, aprendera a falar inglês fluentemente por esse método, segundo me contou.

Técnica e teoricamente, acredito ser completamente possível. Entretanto, essas abordagens dependem de uma grande disciplina pessoal interior. Não creio que essa característica seja típica do povo brasileiro, portanto, talvez seja aí que ele falhe, pois a cada noite de estudo, deve se seguir o primeiro período da manhã de estudo e ativação conscientes, religiosamente. Esses métodos teriam tudo para ser bem-sucedidos, em minha opinião, e ser um grande sucesso de vendas. Talvez um dia ainda se tornem – porém não me parece.

Em nosso método, exceto pela complementação com os trabalhos de Sugestopedia (apreendidos em estados de consciência de padrões de ondas cerebrais alfa), eu diria que todo o sistema opera em estados de consciência que gosto de chamar de  $\beta+$  (embora não tenha realizado uma avaliação científica – apenas para distinguir dos estados de relaxamento). Consulte o **Apêndice 4**.

**3) Que outros resultados devo esperar? O que devo considerar como resultados do programa? Como eu sei se deu resultados?**

Os resultados relacionados à dimensão técnica do programa são, estatisticamente, os seguintes: uma melhora considerável na percepção e discernimento auditivos (em média, os participantes do seminário atestam 40% ou mais); para quem já possui vocabulário, lê e/ou escreve na língua estrangeira que quer falar, uma fluência maior da língua falada e um descompromisso com o medo de errar – o foco da comunicação se desloca para o interlocutor e não para o “tradutor interior” -, maior espontaneidade em se lembrar de palavras já aprendidas, porém há muito esquecidas, e até algumas memórias relacionadas ao idioma já estudado começam, naturalmente, a “boiar” na superfície da consciência.

Entretanto, numa dimensão mais profunda, própria da aprendizagem inconsciente, os resultados mais consistentes não são aqueles que, em uma determinada tarefa ou atividade, você pare e pense: “Ah, isso eu fiz sempre assim... Agora, depois de ler aquele livro ou participar daquele curso, aprendi e vou fazer diferente”. Essas não são as constatações mais valiosas, apesar de também possuírem o seu valor. As aprendizagens mais valiosas e naturais são aquelas que percebemos no dia-a-dia, depois de fazer algo,

quando nos damos conta de que fizemos de uma forma diferente e constatamos: “Puxa, eu nunca tinha feito assim... que engraçado!”

Assim, descobrir ou não resultados de aprendizagens inconscientes é como constatar que está ventando lá fora, ao observar as folhas e árvores oscilando, apesar de, estando aqui dentro, protegidos atrás de uma janela, não estarmos sentindo a pressão do vento.

Comumente, essas evidências nos serão apresentadas pelas pessoas com as quais convivemos, quando não possuímos o hábito da auto-observação (para a aprendizagem inconsciente, é essencial perceber que auto-observação é solidamente diferente de auto-policimento; este último chega a provocar verdadeiros vícios mentais).

Os ganhos secundários mais comuns são:

- a) uma melhora significativa em nossa expressividade e comunicação pessoal, se praticarmos os exercícios de ritmos e interação com maior variedade de parceiros; lembre-se, flexibilidade na comunicação também depende da variedade de oportunidades;
- b) uma atenuação no nível de estresse negativo (“o mundo torna-se mais leve”); em média os participantes do seminário atestam 50% (evidentemente, esse número é bastante subjetivo);
- c) um aumento de sensibilidade e percepção na interação com as pessoas;
- d) algumas mudanças perceptíveis nas formas de tomar decisões: quem é muito reflexivo desenvolve uma forma alternativa mais intuitiva de decidir, assim como quem é muito impulsivo torna-se um pouco mais reflexivo e ponderado;
- e) uma dinamização da criatividade, motivação, concentração, memória e a eventual descoberta de alguma característica útil;
- f) uma facilidade um pouco maior de se expressar em público;
- g) uma pressão natural para resolver “pendências” e tomar decisões em fase de espera, ou seja, uma estimulação nos processos de incubação de idéias e decisões.

De modo geral, esses resultados se relacionam com uma ativação dos padrões de comunicação intrapessoal. Poderíamos chamar de um incre-

mento do Quociente Emocional ou da Inteligência Intrapessoal e Interpessoal no modelo de Howard Gardner.

**4) Considerando que o seminário é intensivo, o que eu faço se surgir alguma dúvida durante o meu estudo em casa?**

Avalie uma das seguintes cinco alternativas. A primeira é estudar, pesquisar e buscar as soluções na bibliografia deste programa; a segunda é meditar profundamente sobre essa questão ou dúvida e esperar uma resposta oportuna de sua mente inconsciente; a terceira é pegar o telefone ou o correio eletrônico e enviar-me essa dúvida para saber se talvez eu mesmo tenha a solução; a quarta é você criar a sua própria alternativa; a quinta, que considero a mais efetiva em resultados, é lembrar que esta é uma abordagem extremamente natural (se aproxima ao máximo da forma que uma criança aprende), portanto, busque a resposta através da observação de como uma **criança** aprende a própria língua mãe (a primeira grande língua estrangeira) e você obterá as evidências que o conduzirão à sua resposta. Lembre-se sempre, o **conceito-chave** deste método é **percepção e sensibilidade** – durante o programa. O resultado final possui como conceito essencial a **autonomia**.

**5) Gostei muito do curso, o que eu faço depois que terminar o seminário?**

Novamente, várias respostas... Com relação às habilidades e ganhos secundários obtidos, eles se estabilizarão em um patamar após uma ou duas semanas que se manterá, naturalmente, independente de muita prática. Evidentemente, existem inúmeros outros livros, caminhos e programas para continuar essa jornada.

Do ponto de vista da aprendizagem de idiomas, tenho observado que, após cada seminário, muitas vezes, formam-se grupos de estudos com o objetivo de praticar e compartilhar experiências que, durante o curso, agregaram tantos benefícios.

Nós, do Instituto, estamos empenhados em divulgar e popularizar esta metodologia que desmistifica a aprendizagem autônoma. Não obstante, em nossa sede, oferecemos as etapas de apoio e continuação do programa **OLeLaS – FEEA** conforme arquitetura básica do Sistema de Aprendizado

Aberto de Línguas apresentada no **Apêndice 1**, juntamente com alguns grupos de estudos. Na Internet, mantemos alguns artigos, letras de músicas e mais informações que também podem ser obtidas pessoalmente ou por correspondência. Há também outros seminários com a aplicação desta metodologia, relacionando-se, entretanto, com outras áreas da aprendizagem. Estão principalmente incluídos nos projetos **Qualidade de Vida, Empreendedorismo, Instrumentos e Ferramentas Educacionais**.

**6) O que faço com o curso regular ou escola de idiomas que estou frequentando?**

Esta nossa metodologia é compatível e complementar a qualquer outro tipo de curso de línguas. Entretanto, alguns conhecimentos obtidos nesta abordagem acabam por invalidar algumas práticas de ensino durante alguns estágios de desenvolvimento. Cada método disponível no mercado foi eficaz para pelo menos uma pessoa, isso é muito importante. Porém, pode não corresponder à necessidade particular ou estilo de aprendizagem de algum estudante – por isso sempre há pessoas com as quais falham.

Lembre-se sempre de que o conceito-chave é **AUTONOMIA**. Se o curso original estiver agregando resultados, o melhor a fazer é continuá-lo. Porém, se ele estiver conduzindo-o a um beco sem saída, o melhor a fazer é trocá-lo por outro. Tudo vai depender do seu discernimento.

**7) O que eu faço com o meu professor de idiomas?**

Há uma grande transformação em andamento em todos os setores da cultura e sociedade humanas. O futuro papel de um professor será diferente dos atuais. As pessoas, tendo aprendido a aprender, contratarão os profissionais de ensino apenas como consultores e guias no seu desenvolvimento quando, por fim, assumirem definitivamente sua real responsabilidade de “aprendedores”. Observe isso em si mesmo(a): pense naquilo que você sabe fazer bem, muito bem.

Possivelmente seja cozinhar, talvez escrever, ensinar, alguma atividade técnica ou seja lá o que for. Se você tem alguma grande habilidade, analise como você a conquistou. Provavelmente, não houve um professor único que o conduziu pelas mãos o tempo todo, não. Você conquistou sua

excelência buscando, explorando, praticando, experimentando e, cada instrutor no seu caminho, um professor propriamente dito, um colega ou mesmo um aluno pode ter sido co-responsável em agregar as mais variadas percepções e evidências tornadas nas peças do grande quebra-cabeça da excelência humana. Esse é o caminho do aprendiz.

Assim, a educação está finalmente entrando na era do marketing, isto é, quanto mais hábeis em aprender, mais autônomos vão ser os aprendizes. Isso criará uma grande necessidade de flexibilidade e adaptabilidade por parte dos educadores. Então, se o seu professor atual for capaz de se flexibilizar exatamente às suas necessidades, ele será um ótimo companheiro em seu caminho de aprendiz. Porém, se ele for rígido a ponto de querer que você se enquadre no método dele, então talvez seja o momento de conhecer outras opções.

#### 8) **O que é a Sugestopedia? O que é a Sugestologia? O que é a Aprendizagem Acelerada?**

Sugestopedia ou Sugestologia é uma metodologia construída por um búlgaro chamado **Georgi Lozanov**, na metade do século XX. A essência dessa tecnologia é a ativação da percepção de ritmos e sonoridades que acompanham a comunicação verbal ou induzem determinados padrões de ondas cerebrais. Suas sessões de aprendizagem mais comuns são realizadas em estados de relaxamento próprios de padrões de ondas cerebrais alfa, muitas vezes induzidos por auto-sugestão e música clássica barroca ao fundo. Aprendizagem Acelerada é um conjunto de tecnologias, incluindo especialmente os trabalhos originais de Lozanov, várias pesquisas das neurociências, Programação Neurolingüística e outros. Suas principais características de rapidez na aprendizagem relacionam-se com técnicas de ativar padrões mentais como os canais visual, auditivo e cinestésico com o objetivo de construir uma memória mais profunda e permanente própria de aprendizados com ambos os hemisférios cerebrais.

Curiosamente, apesar de as pesquisas terem indicado uma potência muito rara nos resultados de aprendizagem pela aplicação deste método de Lozanov, ele ainda é muito pouco conhecido e difundido. Consulte a **Bibliografia** para indicações de leitura e estudo. Nosso método é chamado de **Aprendizagem Acelerada** pelos resultados obtidos, porém não se relaciona

unicamente com os trabalhos de **Lozanov**, exceto pelo fato de incluí-lo, como uma fase complementar, na etapa de **Conteúdo**, e de utilizar os materiais de Aprendizagem Acelerada com Música do **Lind Institute** (P.O. Box 14.487, San Francisco, CA 94.114, USA).

**9) O que é a Programação Neurolingüística? O que é a PNL?**

Programação Neurolingüística é o nome de uma tecnologia desenvolvida nos Estados Unidos. Seus criadores são Richard Bandler e John Grinder. Também é conhecida como a ciência da Modelagem da Excelência. Tem evoluído muito e recebido contribuições das mais diversas áreas do conhecimento sobre o comportamento. Apesar de criada e apresentada ao público na década de 70, tem suas origens nos trabalhos de vários outros cientistas e pesquisadores do comportamento humano: Milton Erickson, M.D., Gregory Bateson, Fritz Perls e Virginia Satir.

Por muitas pessoas, é considerada uma “caixa de mágicas”. Inclui algumas técnicas e métodos que, originalmente, foram desenvolvidos em outras abordagens comportamentais. Creio que, essencialmente, seja uma **atitude**. Uma forma de observar a vida com os olhos, ouvidos e percepções bem abertos, tendo o intuito de identificar **o como fazer melhor**... Tem sido considerada, também, a apresentação do “Manual de Instruções” do funcionamento da experiência subjetiva humana.

Ultimamente, várias outras tecnologias têm sido apresentadas, com outros nomes, porém, nascidas a partir do estudo original da PNL. As que considero mais interessantes são a Hipnose Aplicada à Educação, Design Human Engineering (Richard Bandler), Transformação Essencial (Connirae Andreas) e New Code (John Grinder).

**10) Como podem pessoas de diferentes níveis de conhecimento de línguas conviverem na mesma sala de estudos? Os grupos não deveriam ser homogêneos?**

Esse é um exemplo típico de quanto o paradigma educacional antigo contaminou nossa percepção e nossa sensibilidade. Para poder considerar esta resposta, é fundamental que nos lembremos da “primeira sala de aula de línguas” em que entramos neste mundo: a nossa própria casa com nossa própria família!

Durante o processo de aprendizagem da língua mãe, consciente ou inconscientemente, os adultos que convivem neste ambiente aprendem e apreendem várias novas experiências sobre aquela língua universal que já vem “instalada” na criança. Além disso, ao aprender um idioma em um país estrangeiro, pela necessidade de interagir, se relacionar e se comunicar, os níveis de conhecimento da língua concorrem para a construção de um mosaico de experiências que serão captadas, organizadas e sintetizadas inconscientemente e se constituirão na nossa nova identidade de falantes desse idioma.

Lembre-se sempre, quanto mais caótico é o aprendizado do idioma, mais somos induzidos a distinguir o que é fundamental do que é apenas secundário! Portanto, ao convivemos com colegas de níveis de conhecimento do idioma em estudo inferiores aos nossos, isso nos proporciona a vivência de aprendermos a nos comunicar utilizando-nos mais da comunicação não-verbal para nos fazer compreender; quando nossos colegas conhecem mais do que nós, eles têm essa oportunidade, enquanto nos oferecem suas explicações e, também, nos mostram aonde chegaremos em pouco tempo (servem de referência ou meta de desenvolvimento) – em minha opinião, são relações muito saudáveis e bem mais naturais e cotidianas.

**11) Walther, você costuma dizer em seus seminários que para o bom aproveitamento do curso não importa se estivermos dormindo ou acordados, o resultado é o mesmo. Como você explica isso?**

Em meus seminários eu trabalho intensamente para que meus alunos aprendam o máximo e tenham que trabalhar o mínimo possível. Porém, da minha experiência profissional, eu sei que os aprendizados mais importantes não são aqueles em que ouvimos e sabemos reproduzir exatamente o que escutamos, mas são de fato aqueles que nós incorporamos em nossas células, aqueles aprendizados que, mesmo que não saibamos dizer o que aconteceu, inconscientemente, estejam funcionando melhor.

Eu também sei que, se nossa consciência estiver ou não sendo deslocada para algum ambiente de devaneio ou mesmo descanso consciente, isso não significa que o inconsciente não esteja captando todo esse conhecimento em outras dimensões. Lembre-se, para nossos objetivos importa responder àquela pergunta: “Como escolhemos o que perceber, no que pensar ou do que se lembrar?”.

Admite-se que não devemos esperar ou exigir uma retenção de mais de 15% de uma palestra discursiva, exceto quando utilizada metodologia recursiva, exercícios e experiências práticas ou mesmo a cópia manuscrita propriamente dita. Considerando ainda que o aprendizado profundo ou integral, além de experiencial, deverá ser concluído, finalmente, nos momentos de estudo, pesquisa, meditação e reflexão a respeito do assunto, então, para cada presente em uma aula não será tanto desperdício dormir (se fosse isso que acontecesse, na verdade), de fato!

Mais do que isso, o tipo de “sono” que se apresenta em uma sala de aula, muito, muito raramente, é aquele que vivemos durante a noite, ao dormir – são de fato outras frequências cerebrais. A grande maioria das vezes são tranSES mais ou menos profundos, de acordo com as nossas necessidades inconscientes. Num caso extremo, se as pessoas realmente estivessem dormindo o sono fisiológico, ainda assim consideraria duas hipóteses: não teria certeza se, nesse estado particular, não seria possível aprender (não gosto de acreditar em limites); e supondo que não fosse possível aprender nesse estado, certamente, o cansaço e o estresse que induzissem um participante ao sono profundo, em uma sala de aula, hierarquicamente, são condições que lhe limitariam a capacidade de aprendizagem mesmo que estivesse de olhos abertos lutando contra o sono. Portanto, se foi somente durante o seminário que tal pessoa encontrou uma oportunidade para dormir, sábia e inconscientemente, não serei eu que terei coragem de contrariar essa disposição. Eventualmente, como já aconteceu, se eu constatar que não houve aproveitamento, convidarei esse participante para uma outra turma.

**12) Como você explica a incongruência de ter um compromisso visceral com números e exigir resultados em números e, ao mesmo tempo, nos mostrar a experiência do fluir dos tempos Chronos e Kairós.**

Já há muitos anos eu aprendi a conviver com essa tensão, que você está chamando de incongruência. Eu percebo que ambas as dimensões coexistem dentro de mim. Até porque, eu tive uma formação muito cartesiana em termos educacionais, típica da cultura ocidental e, em outras fases da minha vida, tive um contato muito íntimo com a cultura oriental, que é basicamente do hemisfério cerebral direito: a própria escrita é ideográfica, não é uma escrita linear e lógica como a nossa.

Isso é a própria natureza da **Hipnose Aplicada à Educação**. Cada uma dessas extremidades opostas, ao interagirem entre si, provocam tensões que têm importância inimaginável para se chegar a níveis de percepção e síntese, talvez, ainda não imaginadas. Dentro da nossa cultura, isso foi chamado de dialética: **a síntese coordena as tensões entre tese e antítese**.

De fato, o hemisfério cerebral esquerdo tem um estilo mais racional e lógico de processamento, porém, isso não equaciona, nem soluciona, muitas das questões de nossa vida. Isso me conduziu a desenvolver as habilidades correspondentes “ao outro lado”, não-lógico e não-linear. Muitas vezes, para responder a uma pergunta apresentada de forma linear, dava uma volta maior, para que aquele que tivesse formulado a pergunta tivesse a resposta por “insight”. Para os demais presentes, minhas respostas não faziam sentido – por isso conquistei a fama de não responder a perguntas, ou até de enrolar nas respostas. Somente quem perguntava chegava, por intuição, à resposta.

Enfim, quando decidi me tornar canhoto, não deixei de ser destro. O mais interessante foi ter me tornado ambidestro!

**13) Qual é a diferença entre uma introspecção hipnótica e um relaxamento?**

Acredito existir um mito sobre hipnose: associá-la a estados de sono! Por isso, comumente prefiro utilizar uma conceituação mais ampla sob o nome de Estados Alterados de Consciência em Aprendizagem ou, como tenho utilizado, **Flexibilização de Estados de Excelência em Aprendizagem - FEEA**. Soube recentemente que Airton Senna, corredor brasileiro, fazia treinamento hipnótico. Mike Tyson, boxeador, luta completamente hipnotizado (diria, até, alucinado). Hipnose não significa, necessariamente, relaxamento. Não obstante, muitas práticas hipnóticas e hipnoterapêuticas são realizadas nesses estados de consciência. Artes marciais de alto nível também são praticadas em estados alterados de consciência (prefiro chamar de estados incomuns de consciência, pois a denominação “alterados” só é apropriada para novos estados, ainda não estabilizados e apreendidos (caso contrário, são apenas “outros” estados), assim como não chamamos o sono de estado alterado, e sim, estado de consciência).

#### **14) Alguns dos exercícios que nos foram propostos tratam de telepatia?**

Eu não apresentaria assim... Existe muita mistificação na aprendizagem. Quantas vezes você não teve uma experiência curiosa de sintonia com outra pessoa e brincou dizendo que era telepatia... Eu prefiro afirmar que é dessas “coisas” que se constitui a comunicação humana. Lembro-me de uma história que li há muitos anos: um antropólogo pesquisador perguntou a um indivíduo, pertencente a uma cultura tribal de um povo autóctone da América Central, por que se aproximava de uma determinada árvore para se comunicar com um outro membro daquela comunidade que viajara para longe. A resposta foi muito feliz: “É que nós não temos telefones aqui!”.

Não cabe a mim julgar conhecimentos disseminados pela maior parte das culturas humanas somente por não terem sido ainda apresentados pela ciência formal. Para todas essas outras culturas não é nada de estranho e talvez nem tenha um nome diferente de comunicação!

Há ainda mais curiosidades que acabaram por plantar questões existenciais em mim. Digo assim por acreditar que uma pergunta sem resposta é, talvez, infinitamente mais valiosa para a criatividade inconsciente. Principalmente se disser respeito aos muitos interesses mais profundos de cada indivíduo. Faça uma experiência: concentre-se em uma pergunta e dirija-se a uma pessoa para conversar, despretensiosamente.

Escolha perguntas simples no início e não formule verbalmente essas questões. Também não conduza a conversa intencionalmente para aqueles assuntos. Não é necessário, basta manter uma pergunta em mente. Apenas observe se, informalmente, você obtém respostas ou orientações para as respostas a sua pergunta. Pratique, é mágico! Tive uma amiga que, posso dizer, colocava palavras na minha boca! Albert Einstein dizia que a única coisa que não queria perder em sua vida era a capacidade de se surpreender. Isso mesmo, maravilhar-se! Também acreditava que imaginação vale bem mais que conhecimento. Experimente e tire suas próprias conclusões!

#### **15) Onde as pessoas aprendem tantos limites e bloqueios em relação a aprender uma nova língua?**

Essa é uma longa história... Primeiramente, nossa cultura nos oferece essas aprendizagens (bloqueios), insistentemente, ao longo de nossa educação

formal – a isso eu chamo o longo processo de sociabilização, que, para nossa sobrevivência como indivíduos, é extremamente importante de ser conquistado, ou seja, escolhemos aceitá-los e aprendê-los inconscientemente. Em segundo lugar, diferente dos países europeus ou mesmo das regiões de fronteira de nosso país, necessitamos apenas de nossa língua para nos comunicar, por um longo período.

Além disso, tomei conhecimento de que, quando a língua inglesa chegou ao Brasil, mercadologicamente, foi adotada uma estratégia de se formar uma grande quantidade de professores que permitisse sua disseminação mais generalizada – para que fosse possível expandir sua importância e, necessariamente, sua fontes. Muitos que se especializaram nessa profissão de instrutores de inglês acabaram por preterir a habilidade de falar em troca do conhecimento intelectual e analítico de gramática, semântica, leitura e compreensão de texto etc.

Por último, pelas minhas observações, arriscaria dizer que talvez 70% dos professores de línguas de 1º e 2º graus não falam o idioma que ensinam. Sabem ler, escrever, sabem o som das palavras, seguir livros-texto, corrigir provas, mas não falam fluentemente. Isso somente ficou evidente porque, entre meus clientes, alguns eram professores de línguas e não as falavam. Entre outros instrutores que me procuram, a maioria está interessada em atualização de tecnologia de ensino, mas há aqueles que precisam realmente da fluência na língua. Como pode então, alguém que nunca se utilizou daquele idioma para se comunicar verbalmente, saber o que é relevante ou como ensinar alguém a falar? Há quem diga que esses conhecimentos se constituem numa base sólida para aprender a falar. Eu diria que existem caminhos muito mais econômicos, curtos, fáceis e agradáveis para obter resultados até melhores.

#### **16) Não consigo ver cenários. Não tenho ritmo. O que eu faço?**

Sugiro que **não** acredite em nenhum desses limites, mesmo que eles tenham sido apresentados por sua percepção consciente. Em nosso modelo de compreensão da mente humana, muitas coisas estão acontecendo simultaneamente, mesmo que não estejamos conscientes disso.

Portanto, sempre que alguém tenta me convencer de que não tem ritmo, secretamente penso que essa pessoa não está dizendo a verdade, e nem sabe

disso. Para cada ser humano, ritmo é a única constante; pense bem, possuímos ritmo cardíaco, ritmo respiratório, ritmo de atividade e descanso, ritmo de alimentação, ritmo de caminhar, de digestão e excreção, de movimentos, de piscar os olhos, de leitura, de fala etc... Se, entretanto, alguém se referir especificamente à dificuldade de acompanhar ritmicamente uma música com o próprio corpo, ah!... Isso é só uma questão de um pouco de prática para trazer à consciência tais percepções. Quanto a outros possíveis limites, convido você a consultar o **Apêndice 5**.

**17) Especificamente falando sobre os exercícios de ritmos propostos, por que temos que bater palmas? Não pode ser somente com os pés ou corpo?**

No futuro, certamente sim. Entretanto, sugiro que, inicialmente, se utilizem das palmas ou estalar dos dedos. Algum aprofundamento dos porquês você obterá no livro **“Consciência pelo Movimento”**, citado na **Bibliografia**. Numa explicação breve, observe que a sensibilidade tátil das pontas de seus dedos, ou mesmo de suas mãos, é muito maior que a sensibilidade tátil de qualquer outra parte do seu corpo, exceto, talvez, da sua língua.

Essa estimulação inicial nas mãos proporciona uma quantidade maior de estímulos nervosos sensores. Como a enervação motora das mãos e braços também é maior, a quantidade de estímulos nervosos motores também será maior. Tanto para a automatização e síntese desses aprendizados quanto pela interferência que provoca nos processos automáticos de formulação da linguagem, quando coordenamos estes dois universos, necessitamos disso para construir e instalar um novo código lingüístico que flua naturalmente como uma alternativa de expressão; as palmas são apenas um artifício para localizar um caminho inconsciente mais curto para obter esses resultados naturalmente.

**18) Ainda sobre os exercícios, devo utilizar sempre aquele roteiro proposto?**

**Não!!!** Ele é apenas um dedo apontando o caminho. Nunca o confunda com o próprio caminho! O roteiro ou estratégia formal serve apenas para

estimular nossa percepção e nossa mente inconsciente a funcionar de uma determinada forma. No futuro, quando tudo já for natural, a única etapa essencial é a **“PIZZA”** . Todas as outras estarão funcionando automática e naturalmente.